

O AMOR COMO DOENÇA NOS *REMEDIA AMORIS* DE OVÍDIO

Gabriela Strafacci OROSCO¹

RESUMO: Lança-se neste artigo um olhar sobre a obra *Remedia amoris*, na intenção de observar a relação que nela se estabelece entre o amor e a doença, seja ela uma perturbação do espírito ou do corpo. Da análise, constam os termos latinos que se mostraram pertinentes à contemplação do tema, aqueles que contribuem para a leitura da obra ovidiana com tal concepção em vista, na medida em que essas noções abrangem em seus campos semânticos uma e/ou outra ideia e a tradução que aqui utilizamos valoriza ou não essa temática. Lança-se ainda à discussão as evocações de gênero que trazem o poema ovidiano, quando elas nos parecerem pertinentes à análise, através de seus *exempla* (exemplos ou ilustrações) que persuadem o leitor dos preceitos deste poema de formato elegíaco, mas pertencente ainda à tradição didática: as recomendações e “tratamentos” de que se podem utilizar os amantes para curar o mal do amor. Palavras-chave: Ovídio, *Remedia amoris*, amor, *pathos*.

ABSTRACT: In this article, we take a look at the poem *Remedia Amoris*, intending to observe the connection between love and sickness, whether it is a soul or body disturbing. The latin words that are relevant considering the subject are presented at the analysis, the ones that help us to read this ovidian work having this thought in mind, as those notions include in their semantic field one and another idea and the translation which we use here values or not the subject. We also discuss the references to gender that are present at this ovidian poem, when they seem relevant to the analysis, through its *exempla* (examples and illustrations) that persuade the reader of the advices of this elegiac and also didactic poem: the advices and “treatments” that the lovers could use to cure the illness of love. Key-words: Ovid, *Remedia*, love, *pathos*.

“Tenho pedido a todos que descansem
De tudo que cansa e mortifica:
O amor, a fome, o átomo, o câncer”
(Hilda Hist, *Exercícios*)

A obra *Remedia Amoris*, composta no ano 2 ou 3 de nossa era² pelo poeta romano Públio Nasão Ovídio (43 a. C – 17/18 d. C), é um dos textos analisados em nossa pesquisa (ao lado das *Metamorfoses*, obra que Ovídio escreve posteriormente, em 7 / 8 d. C). O intuito neste artigo é observar mais cuidadosamente esse poema a fim de contemplar o tratamento que nele o vate dá ao sentimento amoroso.

Começemos pelo título da obra tal qual nos foi transmitido, traduzido por Antônio da Silveira Mendonça como *Os Remédios do amor*. É possível, para o público moderno que a ele tem acesso, antever, a partir dele, a que se propõe o poeta: relacionar amor com remédios, medicina, e, portanto, com doença. Apenas com a leitura da obra é que vamos perceber que

¹ Aluna de Pós-Graduação, no programa de Mestrado do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP), sob orientação da Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso e com financiamento do CNPq.

² Cf. Henri Borneque em sua introdução a *Ovide, Les remèdes a l'amour, Les produits de beauté pour le visage de la femme*, Paris, Les Belles Lettres, 1961, p. vii.

“do amor” (trad. literal do genitivo *amoris*) se refere não aos remédios que o amor proporciona (portanto, *amoris* ali não corresponde ao chamado genitivo subjetivo), mas aos que o amor requer (o amor é objeto da cura; *amoris* é, pois, genitivo objetivo): o intuito do poeta é, como veremos, auxiliar os que amam a encontrarem a cura para tal sentimento. Por necessitar de uma cura, é fácil constatar que o amor, nesse poema, será, pois, tratado como uma doença.

Ora essa relação entre amor e doença, algo que conhecemos também em manifestações artísticas modernas, tal qual exemplificado em nossa epígrafe, não destoa da concepção grega de *pathos* – termo que, em nossa língua, pode significar tanto “paixão”, quanto “patologia”³.

Tal é, pois, o tema central de nosso estudo: observar em Ovídio (mais especificamente em *Remedia Amoris* e em algumas passagens das *Metamorfoses*) a presença do amor como uma doença; melhor dizendo, em que versos, como e com que efeitos essa equivalência se apresenta.

Não se trata de um tema inédito na poesia escrita em Roma: ele já foi notado, por exemplo, em alguns poemas de Catulo (82 a. C – 52 a. C), como por exemplo, o poema 76, o 83, e destaquemos ainda a famosa tradução do não menos famoso poema de Safo, o poema 51. E aparece em muitos outros elegíacos romanos, como Tibulo (55 a. C – 19 a. C), Propércio (50 a. C – 16 a. C), além de poemas anteriores de lavra do próprio Ovídio, tais como os versos elegíacos de *Amores* (15 a. C)⁴, e o poema didático *Arte de amar* (*Ars amandi*). Nosso interesse nesta exposição é, pois, ver como em *Remedia Amoris*, um poema de 814 versos elegíacos, Ovídio trata desse motivo já poético.

Atenhamo-nos, a princípio, a um breve passeio pelo poema que é objeto deste estudo. O deus Cupido, ou *Amor*, como Ovídio o nomeia (*Remedia*, v. 1), vê pelo título da obra (*Legerat huius Amor titulum nomenque libelli*, v. 1, grifo nosso) o que com ela se anuncia como intento do poeta:

³ A palavra grega *pathologia* tem como significado ‘o estudo das emoções’ (verbete *pathologia* no dicionário de grego Liddell et al., sentido único) em que é possível constatar uma relação semântica com *pathos*, termo que assumiu posteriormente o sentido de ‘qualquer desvio anatômico e/ou fisiológico, em relação à normalidade, que constitua uma doença ou caracterize determinada doença’ (A. Houaiss, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, 2008, verbete ‘patologia’, sentido 2). Levando-se em conta o nexos semântico e etimológico da palavra ‘paixão’ vemos, portanto, uma relação potencial entre qualquer sentimento e uma alteração do estado psíquico, que pode ser vista, em última análise, como uma perturbação da saúde, isto é, uma doença.

⁴ Em sua tese de doutorado sobre o motivo da doença na elegia romana (*Das Krankheitmotiv in der römischen Elegie*, Diss. Universität Köln, 1967), E. Holzenthall analisa os seguintes poemas (enumerados em seu Sumário, p. 5 do referido estudo): Tibulo I, 3 e I,5; *Corp. Tib.* III 5; *Corp. Tib.* IV 11, Propércio I, 15; II, 9 e 28; Ovídio, *Amores* II, 13; *Ars amatoria* II 315-36; *Heroides* XX e XXI; *Tristia* III 3 e 8, IV 6; V 2 e 13; *Epistulae ex Ponto* I 3 e I 10; Pseudo Tibulo IV 4. Interessante é notar que o autor não trata do poema *Remedia Amoris*.

Bella mihi, uideo, bela parantur. (Remedia Amoris, v. 2)

“São guerras – estou vendo – são guerras que se preparam contra mim”⁵

Conforme, porém, o que aponta Gian Bagio Conte⁶, não se trata de combater o amor em si, mas sim de combater o amor que arrebatava, que exclui o amante do mundo, que faz sofrer, pode levar a loucura e até à morte⁷. Esse “furor” (*furor* em latim, com o sentido de distúrbio da mente, ou loucura – *Oxford Latin Dictionary* (doravante *OLD*), sentido 2 – ou ainda com o sentido de desejo amoroso – *OLD*, sentido 3) acompanha os amantes elegíacos dos poemas de Catulo, Propércio e Tibulo⁸. Tal perturbação do espírito, que é tematizada explicitamente em *Remedia* (em que *furor* aparece quatro vezes⁹) é, ademais, vital para o que poderíamos chamar de “ideologia elegíaca”¹⁰.

Eis o que Ovídio afirma combater:

Siquis amans, quod amare iuuat, feliciter ardet,

Gaudeat at uento nauiget ille suo;

At siquis male fert indignae regna puellae,

Ne pereat, nostrae sentiat artis opem. (Remedia Amoris, v. 13-6)

⁵ Utilizamos a tradução de Antônio da Silveira Mendonça para todas as passagens de *Remedia* mencionadas nesse artigo. Faz parte de nossas pretensões compor nossa própria versão de algumas dessas passagens, posteriormente, com o objetivo de destacar as interpretações eventualmente não contempladas ou não privilegiadas nas citadas traduções. Além disso, todos os grifos são nossos.

⁶ G. B. Conte, “Love without elegy: The *Remedia amoris* and the logic of a genre”, in: Conte, *Genres and readers*. 1989, p. 35-65.

⁷ As seguintes passagens do estudo de Conte (op. cit.) indicam tal interpretação: “it is the elegiac form of love which must be undone and destroyed.” (p. 62), e ainda: “Faced with the sickness of spirit, sapientia had gladly offered itself as a genuine medical technique; and diatribe had already identified love as one of the most serious and widespread sickness it had to combat. This was, of course, the love that blind and dispossesses, which makes people lose their sense of measure and of social proprieties, which – as I have suggested – leads them to madness, self-destruction, and even suicide in certain cases. **This furor is very much like the elegiac lover’s.** Against it, diatribe had thought up an effective remedy: to identify exactly that part of love which was natural and necessary” (p. 63, grifo nosso).

⁸ “It would be legitimate to expect the *Ars amatoria* to have been extracted from the practical behavior of real lovers, but instead Ovid’s teachings are presented as an art applied to materials whose “reality” is that of literary phenomena – not to real lovers, therefore, and their daily strategies, but to those represented in the elegies of Propertius, Tibullus, Ovid himself.” (G. B. Conte, op. cit., p. 53). Ainda faremos um levantamento do termo *furor* e de estudos sobre o sentimento amoroso assim caracterizado nos autores romanos referidos. Por ora, vale mencionar, como exemplos, as seguintes passagens elegíacas em que a palavra aparece: Catulo 15. 14 e 64. 54; Propércio I.18.15 e I.5.3.

⁹ *Remedia Amoris*, v. 119 (em que o termo aparece duas vezes), 497 e 581.

¹⁰ Emprestamos a expressão de G. B. Conte (op. cit., p. 37): *elegiac ideology*.

“Se alguém ama e esse amor lhe dá prazer, goze
feliz dessa paixão e navegue a favor do vento. Mas
se padece as imposições de uma garota ingrata, prove,
para que não pereça, a assistência da nossa arte.”

Diversos *exempla*, em forma de referências narrativas (que funcionam como ferramentas discursivas usadas para expressar uma experiência e provar um ponto¹¹), são mencionados no início do poema, após o poeta declarar a que veio (a saber, curar os amores funestos), para que o leitor esteja certo do perigo da doença que o acomete. Para tanto, alguns personagens míticos¹² (e suas funestas condições) são evocados: os suicídios de Fílis (v. 55) e de Dido (v. 57), os crimes de Medeia (v. 59-60) e de Fedra (v. 64-5), as tristes consequências dos impulsos de Páris (v. 65-6): destruições motivadas todas pelo amor. Quanto a este *exemplum*, transcrevemos o texto ovidiano: *Redde Paris nobis: Helenen Menelaus habebit/ Nec manibus Danais Pergama uicta cadent* (v. 65-6). Na tradução de Mendonça: “Entregame Páris; Menelau manterá Helena, e Pérgamo não cairá vencida nas mãos dos dânaos.”

Tantas histórias malfadadas seriam evitadas caso o poeta (que se denomina um médico: *Tu pariter uati, pariter succurre medenti* (Rem., v. 77) – “Socorre a quem é, a um tempo, poeta e médico”¹³) pudesse ter interferido (*Redde (...) nobis* v. 66). Assim, a partir do verso 135, Ovídio passa a descrever o tratamento para o amor. Seu primeiro conselho aos que almejam a cura é fugir da ociosidade:

Ergo ubi uisus eris nostrae **medicabilis** arti

Fac monitis fugias otia prima meis (Rem., v.135-6; grifo nosso)

¹¹ Tal concepção dos *exempla* como uma ferramenta discursiva encontra-se em F. Graf “Myth in Ovid”, in: *The Cambridge Companion to Ovid*, Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 112.

¹² Cf. F. Graf, *op. cit.*, p. 114 e G. S. Orosco, “As faces de Vênus em *Metamorfoses* de Ovídio”, in: *Língua, Literatura e Ensino*, 2007, p. 313-20.

¹³ Além das ocorrências já citadas, os seguintes termos relacionados à medicina ou ao médico aparecem no poema ovidiano *Remedia Amoris*: o adjetivo **medicus** aparece duas vezes (significando “o que cura”, “curativo” ou “médico/ medicinal” – *OLD*, verbete *medicus*, sentido único. No v. 76, *medicae* ocorre referindo-se à medicina (e adjetivando *opis*) como uma das invenções de Febo – é a essa divindade, portanto, que Ovídio pede inspiração. Já no v. 314, quando Ovídio afirma que ele mesmo já fora atingido por esse mal e, estando doente, era um péssimo médico). O termo **medicina** (significando a arte ou prática da cura, a medicina – *OLD*, verbete *medicina*, sentido 1 – ou ainda, um remédio, tratamento ou cura – *idem*, sentido 4) consta do v. 91, indicando o remédio que tarda a chegar, quando não se trata o mal desde o princípio; cf. ainda v. 131 e também o v. 795 (em ambos com o sentido de arte da cura ou da medicina); e, finalmente, **medicabilis** (aquilo que pode ser curado – *idem*, sentido 1 – ou aquilo que cura – *idem*, sentido 2) está no v. 135, adjetivando a arte que se ensina na obra).

“Portanto, assim que achares que nossa arte
pode curar-te, trata de evitar em primeiro lugar a ociosidade”.

É perceptível nesse breve olhar sobre a obra ovidiana que o vate insere o sentimento amoroso no mesmo campo semântico de uma perturbação da saúde; de uma doença, como dissemos. Interessante é que Ovídio, ao fazer isso, procede de maneira extremamente concisa, condensando, nesta obra relativamente breve que se declara em sua superfície como poesia didática¹⁴, muitas referências à poesia de outros gêneros.

Os poucos trechos que já citamos servem para ilustrar o quanto seria difícil ao leitor ovidiano conhecedor de Homero e de Virgílio não pensar nas suas respectivas épicas não apenas quando Ovídio menciona “guerras” (*bella*, v. 2) como também quando se vê diante dos *exempla* específicos que remetem a personagens da guerra de Tróia¹⁵. Ademais, essa condensação entre poesia didática e épica é, como já apontou Trevizam¹⁶, presente na obra ovidiana que é pressuposto de *Remedia*, a *Arte de amar* (*Ars Amandi* ou *Ars amatoria*, 1 a. C. / 1 d. C).

A partir de uma concepção da literatura latina que, conforme nos aponta P. S. de Vasconcellos¹⁷, a vê como matéria composta de incorporações, fusões, retomadas e filiações a outros textos (o que, na época augustea, envolve textos latinos além dos gregos), o poema

¹⁴ A caracterização de *Remedia Amoris* como poesia didática será objeto de outro estudo. Cf., por ora, como exemplo: *Vixisset Phyllis, si me foret usa magistro* (*Rem.*, v. 55) – “Filis teria vivido, se me tivesse tido como mestre”; *Dura aliquis praecepta uocet mea* (*Rem.*, v. 225) – “Alguém dirá que são duras as minhas recomendações”; *Tu mihi, qui, quod amas, aegre dediscis amare / Nec potes et uelles posse, docendus amare* (*Rem.*, v. 297-8) – “A ti que te pões a desaprender penosamente a amar o que amas, que não és capaz e queres ser, a ti tenho eu de ensinar”; entre outros.

¹⁵ Os seguintes versos, dentre outros, exemplificam tal asserção: *Non ego Tydides, a quo tua saucia mater / In liquidum rediit aethera Martis equis.* (*Rem.*, v. 5-6) – “Não, não sou o filho de Tideu; tua mãe, ferida por ele, tornou às límpidas regiões etéreas nos cavalos de Marte”; *Vulnus in Herculeo quae quondam fecerat hoste, / Vulneris auxilium Pelias hasta tulit.* (*Rem.*, v. 47-8) – “A lança de Aquiles, que golpeou seu inimigo, filho de Hércules, foi a que lhe curou a chaga.”; *Vt semel Aetola Venus est a cuspide laesa, / Mandat amatori bela gerenda suo* (*Rem.*, v. 159-60) – “Vênus, desde que foi ferida pela lança etólia, confia a seu amante gerir a guerra”; vale ainda ressaltar que do verso 467 ao 486, Ovídio faz uma resumida explanação do que motivou a peleja entre Aquiles e Agamêmnon narrada nos primeiros versos de *Ilíada*.

¹⁶ Cf. M. Trevizam, *A elegia erótica romana e a tradição didascálica como matrizes compositivas da Ars Amatoria de Ovídio*. Dissertação de Mestrado. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2003.

¹⁷ P. S. de Vasconcellos, *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*, São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Fapesp, 2001. Sobre intertextualidade especificamente em Ovídio, com ênfase em *Tristia*, cf. P. Prata, *O caráter alusivo das Tristes de Ovídio: uma leitura intertextual do livro I*, Tese de Doutorado inédita. Unicamp, Campinas, 2002; sobre intertextualidade em estudos clássicos, cf. D. Fowler. “On the shoulders of giants: intertextuality and classical studies”, in: *Roman constructions. Readings in postmodern Latin*. Oxford: Oxford University, 2000. Para estudo da épica (no livro V) das *Metamorfoses*, cf. M. M. P. Silva, *Arsque locumque: espaço da narrativa no livro V das Metamorfoses de Ovídio*, Dissertação de Mestrado inédita. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2008.

ovidiano em questão parece se prestar especialmente a uma busca por “evocações intertextuais” (tal expressão também emprestamos à obra de Vasconcellos¹⁸) em seus versos.

Apresentaremos aqui uma primeira análise do léxico presente em *Remedia*, relacionando amor e doença, assim como referências à utilização desses termos em outros textos elegíacos. A partir disso, proporemos alusões que o poema em estudo parece fazer a outros poemas elegíacos, predecessores da obra ovidiana, bem como alusões ao gênero elegíaco em si. Deixaremos, pois, para um outro estudo buscar com mais detalhes a presença da épica em *Remedia* de Ovídio¹⁹.

Para identificar tais referências e alusões – tendo em vista, a todo o momento do estudo, a caracterização do amor como doença –, é necessário ter em mente, por exemplo, termos que, tais como *pathos* em grego, em latim compartilham do campo semântico das noções de amor e de doença, tal como usados por Ovídio em seu poema.

Através da leitura do texto latino, principiamos o levantamento de alguns desses termos, cuja análise, ainda em andamento, nos permite esboçar os seguintes comentários.

Já nos primeiros versos, encontra-se *tepere* (*tepent*, *Rem.*, v. 7), um verbo que pode significar tanto “ser/estar morno, tépido”, como “sentir o calor do amor”, e ainda “ser ‘morno’ (pouco entusiasta) em relação aos sentimentos de alguém” (cf. *OLD*, verbete *tepeo*, sentidos 1, 2 e 3; interessante notar que o dicionário de F. R. Saraiva aponta como sentido (figurado) para o mesmo verbete, “amar”, “ter algum amor a”)²⁰. Os versos seguintes demonstram que, embora alguns jovens (*iuuenes*, v. 7) tornaram-se frios, indiferentes em relação ao amor, a conduta do vate opõe-se a deles. Vejamos a passagem:

Saepe **tepent** alii iuuenes (*Rem.*, v. 7)

Amiúde **esmorecem** outros homens.

Percebe-se essa intenção quando Ovídio afirma, logo após, como contraste, que nunca deixou de amar, ao contrário de outros jovens que se deixaram enfraquecer (conforme o v. 7):

(...) ego semper amaui,

¹⁸ P. S. de Vasconcellos, op. cit., p. 25.

¹⁹ P. S. de Vasconcellos, op. cit., p. 58 ss., menciona em seu estudo o jogo intertextual entre *Remedia* e Homero e Virgílio.

²⁰ O termo aparece também nas seguintes elegias: *Ov. Am.* 2.2.53 e *Prop.* 3.18.2.

Et si, quid faciam, nunc quoque quaeris, amo (Remedia, v. 8)

“Eu, eu sempre amei, e se me perguntares o que faço ainda agora,
amo”.

O poema ovidiano não é, pois, um crime (*sceleris*, v. 3) contra o *Amor*, prova disso é que o vate ainda ama (v. 8). O amor de Ovídio, porém, apoia-se agora na razão (o que viabiliza sua posição como *magister*), tendo antes sido conduzido pelo arrebatamento (*impetus*):

Et quod nunc ratio est, **impetus** ante fuit. (Remedia, v. 10).

“E o que hoje é razão, antes foi **paixão**”²¹.

Note-se o que seria o *impetus* ovidiano, o sentimento que o vate teria deixado de lado. Ao termo latino se atribuem os seguintes sentidos: “ímpeto”, “impulso”; “ataque”, “violência”; “ataque (de uma doença)”, “uma explosão (de paixão, raiva, etc.)”; (*OLD*, verbete *impetus*, sentidos 1, 3, 3b e 7, respectivamente). Trata-se justamente do tipo amor que, como ocorre aos amantes elegíacos dos poemas de Propércio, Tibulo e Catulo²² (cujo universo é, conforme se vê no topos da *renuntiatio amoris*, a “renúncia [a tudo] pelo amor”, constituído apenas pelo amor e todo sofrimento que ele pode acarretar)²³. Tal amor, afirma o eu-lírico, arrebatava-o, mas, no momento em que está compondo seu poema, já se transformara em razão (*ratio*, v. 10).

Mais adiante no texto ovidiano, as expressões *male fereat* (com a ideia de “contrair uma doença”, *OLD*, verbete *male*, sentido 1f) e *pereat* (de *pereo* “perecer”, “morrer”;

²¹ A tradução aqui citada, de A. S. Mendonça, interpreta o sentido de tal palavra como “paixão”; essa tradução não enfatiza a relação do amor com um mal ou arrebatamento, mas destaca a questão da oposição semântica que há entre *ratio* e *impetus*. A maneira de denotar essa relação entre ambas as noções seria, talvez, traduzir essa palavra pela expressão “ímpeto violento”. Ainda assim, não estaria totalmente evidenciado o sentido de “crise ou ataque (de uma doença)” (*OLD*, verbete *impetus*, sentido 3b) que também perpassa tal palavra. O *Dicionário latino português* (Rio de Janeiro: Garnier, 2000) de F. R. Saraiva indica para a palavra, entre outros, os sentidos de: “violência (de paixão)”; “desejo ardente”; “arrebatamento” (verbo *impetus*, sentido 2).

²² A noção de que a presença de um amor violento e impetuoso, conflituoso, por assim dizer, recorrente na tradição elegíaca romana, representada pelos mencionados poetas, se dá em G. B. Conte, op. cit., p. 39 ss.

²³ O próximo passo objetivado é recorrer aos textos de tais autores, observando se ali aparece o termo e sintomas do *impetus* caracterizando a doença do amor, a fim de enriquecer a análise intertextual. Segundo o *Thesaurus linguae latinae*, o termo *impetus* ocorre duas vezes em Catulo: IV 3 - *neque ullius natantis impetum*; LXIII 89, *facit leo –um*.

“definhar”, “morrer (de uma emoção)”, “estar loucamente apaixonado”, *OLD* sentidos 3 e 4) revelaram-nos também a presença de doença fatal e do amor simultaneamente. Primeiro, contemplemos a passagem:

At siquis male fert indignae regna puellae
Ne **pereat**, nostrae sentiat artis opem. (Remedia, v. 15-6)

“Mas se padece as imposições de uma garota ingrata,
Prove, para que não **pereça**, a assistência de nossa arte.”

O verbo em questão engloba dois sentidos, que corroboram a visão de amor a que atentamos: *pereo* pode significar tanto “perecer”, “morrer” (*OLD*, verbete *pereo*, sentido 3), quanto “estar loucamente apaixonado” (*OLD*, verbete *pereo*, sentido 4). Ovídio convoca como ouvintes de suas lições aqueles jovens que se submeteram às imposições da *indignae puellae* (v. 15), antes que pereçam por conta do amor²⁴.

Ora, vemos aqui a caracterização não de uma amada qualquer, mas sim típica da elegia se lembrarmos, como Conte aponta em seu estudo, da ideologia do *seruitium amoris*²⁵ como fundamental para a elegia. Trata-se do aspecto servil relacionado à postura excludente que, como comentamos anteriormente, o amante elegíaco assume diante do mundo: nada que não se insere (ou que não possa ser inserido) no universo elegíaco (entenda-se, amoroso) deve contar para ele; servil, porém, em relação à amada e ao seu sentimento, deve ser o amante elegíaco.

O “mal do amor” que é rapidamente sufocado, i. e., enquanto suas sementes ainda são novas, pode ser facilmente curado. Assim diz Ovídio:

Opprime, dum noua sunt, subiti mala, semina **morbi**. (Remedia, v. 81).
“Esmaga, enquanto novas, as sementes nocivas do **mal** repentino”.

²⁴ A tradução de A. S. Mendonça não privilegia a questão central de nossa discussão, mas solucionar a ambiguidade de *pereat*, atendendo aos dois sentidos aqui mencionados, traduzindo-o por uma única palavra em Português, parece-nos pouco possível; uma alternativa seria explicitar um dos sentidos, na expressão “[para que não] **morra de amor**”.

²⁵ G. B. Conte, *op. cit.*, p. 37-8.

Vemos que o tradutor usa a palavra “mal”, conferindo um sentido mais amplo ao termo empregado pelo vate, que poderia ser lido mais concretamente: *morbus*, doença (cf. *OLD* sentido 1). Uma vez, porém, que o tempo fortalece esse amor (*cum mala per longas conualuere* (*Rem.*, v. 92) – “quando o mal se fortaleceu pela longa demora”), o coração torna-se prisioneiro (mais uma imagem elegíaca: aquele que ama e é cativo por esse amor²⁶), e é mais difícil curá-lo. No entanto, nem mesmo a esses o eu-lírico (que, como vimos, aqui é, *magister*, ou seja, assume também figura do “professor” típica da poesia didática, e ao mesmo tempo, médico; *Rem.*, v. 77, citado acima), nega socorro. Para referir-se aos amantes que precisam de seu tratamento e ao próprio mal que os acomete, os termos *aeger* e o já referido *morbus* são usados, respectivamente, nas seguintes passagens:

sed non, quia serior **aegro**
Aduocor, ille mihi destituendus erit (*Remedia Amoris*, v. 109-10)

“... mas não é porque sou chamado bem tarde junto ao **doente**
que deverei abandoná-lo.”

Qui modo nascentes properabam pellere **morbos** (*Remedia Amoris*, v. 115)

“Eu, que há pouco me apressava em expulsar um **mal** no nascedouro...”

A palavra *aeger* (*aegro* no v. 109) designa alguém “fisicamente doente”; “cansado”; “fraco” (*OLD*, verbete *aeger*, sentidos 1, 2 e 2b). Tal caracterização corrobora nossa interpretação: o amante infeliz é enfraquecido, mais ainda, adoecido, pelo mal do amor. Mais uma vez, esse mal que aflige o amante é caracterizado pela palavra *morbus* (*morbos* v. 115; cf. também *morbi* v. 81), que, como vimos, designa uma “doença”, “enfermidade”. Tudo isso enfatiza diversos aspectos do que, segundo lembra Conte, a elegia engloba em seu universo.

Vemos, assim, uma imagem do amante elegíaco presente através do espectro lexical de que se vale Ovídio para compor o vate-*magister* (como médico), o leitor-*discipulus* (como paciente) e o objeto (amor como *morbus*, *furor*) de seus *Remedia*.

Os mencionados versos servem de amostra para percebermos o quanto o leitor é lembrado de que tal sentimento é uma doença (*morbus*) que pode ser fatal (*pereat*) e deve ser curada (*ualeas*, v. 226: *ut ualeas, multa dolenda feres* – “... para te curares, passarás por maus

²⁶ Ver Conte, *op. cit.*, p. 41. O autor aponta a tentativa do amante elegíaco em se livrar de sua escravidão amorosa (uma tentativa vã, como afirma Conte, pois o amante está deliberadamente relutante à cura). Nesse sentido, pois, é que chamamos cativo o amante (elegíaco) que Ovídio está descrevendo em *Remedia*.

bocados” – e v. 231: *Vt ualeas animo, quicquam tolerare negabis?* – “Para a saúde de tua alma, te negarás a suportar alguma coisa?”.

As interpretações que consideram o jogo alusivo, conforme já apontara P. S. de Vasconcellos²⁷, enriquecem a análise do texto, pois a intertextualidade contribui para a produção de novas significações: essas aqui se mostram, como propõe Conte, na esfera do diálogo entre gêneros poéticos.

Para nossa investigação em andamento, o que aqui se apresenta configura-se, dessa forma, como um ponto de partida para aprofundar a análise de passagens do poema épico *Metamorfoses*²⁸, selecionadas a partir de uma comparação deste com os *Remedia*. Tal análise pretende ir no sentido de observar se nas *Metamorfoses* há essa mesma ideia de amor como doença, se os termos e imagens respectivos, bem como a alusão a outros gêneros poéticos evocados em *Remedia* ali também aparecem. Por exemplo, em comunicação anterior²⁹, interpretamos a caracterização de Mirra (*Metamorfoses*, v. 298 - 518) como a de um amante elegíaco. Em etapa posterior do estudo, tencionamos enriquecer essa análise a partir da busca dos elementos aqui mencionados (encontrados em *Remedia*) no referido trecho das *Metamorfoses*: as referências aos *topoi* elegíacos são, também ali, enfatizadas, tal como em *Remedia*, por meio da imagem do amor como doença?

Inicialmente, no resumo para essa comunicação, fora anunciado que a observação de jogos intertextuais entre o poema ovidiano *Remedia amoris* e outros textos elegíacos constariam de nossa fala³⁰. A discussão sobre os termos que se relacionam simultaneamente à doença e ao amor revelou-se, porém, bastante profícua, do nosso ponto de vista, diante do que optamos por privilegiá-la nessa comunicação, adiando para o momento imediatamente posterior a observação mais detalhada de tais jogos alusivos.

De todo modo, tentamos aqui, em suma, mapear excertos do texto latino de *Remedia*, buscando terminologia relacionada a doença e/ou ao amor e verificando se a tradução de A. S. Mendonça, que não está anunciadamente enfocando essa questão, valoriza-a ou não tal imagem. Apontamos, ainda, sobretudo baseando-nos em Conte, algumas alusões nessa obra ovidiana ao gênero elegíaco, relacionando as passagens destacadas com os tópicos recorrentes

²⁷ P. S. de Vasconcellos, *op. cit.*, p. 32-3.

²⁸ *Metamorfoses*, IV 167-181, X 298-739, XIV 441-608.

²⁹ XVII Congresso Nacional de Estudos Clássicos (CNEC) – *Prazer e amizade no Mundo Antigo*, Natal - RN, 21 a 25 de setembro de 2009.

³⁰ Lembro aqui o texto que fora escrito no resumo dessa apresentação: “Para a comunicação a ser realizada neste seminário, estabelece-se um foco no diálogo entre *Remedia* e algumas elegias de poetas romanos: Catulo (84 a. C. – 54 a. C.), Propércio (50 a. C – 16 a. C) e Tibulo (55 a. C – 19 a. C), predecessores de Ovídio”.

na poesia romana filiada a tal gênero, a saber, a *seruitio amoris*, *renuntiatio amoris*, a mulher como *domina* e as percebemos relacionadas ao *topos* elegíaco que nos guia centralmente, o amor como doença.

De qualquer maneira, já se deixa prever, nos pequenos trechos analisados, uma relação intertextual que Ovídio parece incluir em suas admoestações entre o amor que se pretende combater através da cura (a saber, o amor dos poemas elegíacos) e o próprio gênero do sofrimento amoroso, a elegia erótica romana³¹.

Referências Bibliográficas

- LIDDELL, Henry George et alii. **A GREEK-ENGLISH lexicon**.. Oxford: Claredon, c1996.
- CONTE, Gian Biagio. “Love without Elegy” **Genres and readers: Lucretius, love elegy, Pliny's Encyclopedia**. Baltimore; London: J. Hopkins Univ., c1994, p. 35-65.
- GRAF, Fritz, HARDIE, Philip R. “Myth in Ovid”, in: **The Cambridge Companion to Ovid**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2002, p. 108-21.
- HOLZENTHAL, E. **Das Krankheitmotiv in der römischen Elegie**, Universität Köln, 1967.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986.
- OROSCO, G. S. “As faces de Vênus em *Metamorfoses* de Ovídio”, in: **Língua, Literatura e Ensino**, vol. II, Campinas: Publicações IEL, 2007, p. 313-20.
- OVIDIO; BORNECQUE, Henri. **Les remèdes à l'amour: les produits de beauté pour le visage de la femme**. Paris: Les Belles Lettres, 1961. 56p.
- GLARE, P. G. W. **OXFORD latin dictionary**. Oxford: Claredon, 1968-1982. 8v.
- PRATA, Patricia; VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **O caráter alusivo dos Tristes de Ovídio: uma leitura intertextual do livro I**. 2002. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

³¹ As constatações do estudioso Gian Biagio Conte inspiraram e proveram muitos dos elementos da análise de *Remedia* aqui proposta e o estudo do Prof. Paulo Sérgio de Vasconcellos, fundamentalmente (entre outros estudiosos que também enriqueceram e ainda enriquecem a pesquisa), iluminou a apreciação quanto às questões metodológicas da intertextualidade, estimulando-nos a prosseguir na tentativa de vislumbrar algumas das teias alusivas que se alojam no *corpus* textual analisado, relacionando ainda passagens das *Metamorfoses* e de *Remedia amoris* (com o mesmo fio condutor, amor/doença). É o que se anuncia para a continuação dessa pesquisa.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novissimo dictionario Latino-Portuguez: etymologico, prosodico historico, geographico, mythologico, biographico, etc.** 9. ed. Rio de Janeiro: Garnier, [19-].

SILVA, Mariana Musa de Paula e; CARDOSO, Isabella Tardin (orient.) *Arsque locumque: espaço da narrativa no livro V das Metamorfoses de Ovídio*, 2008. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

TREVIZAM, Matheus (autor); VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de (orient.). **A elegia erotica romana e a tradição didascalica como matrizes compositivas da Ars amatoria de Ovidio**. 2003. 279p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de (autor). **Efeitos intertextuais na Eneida de Virgilio**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: FAPESP, c2001.